

Matheus Peixoto¹

PISCIANA MÁGICA

Sonhei pela segunda vez com aqueles esplêndidos olhos alvacentos. Encaravam-me com uma sensualidade voraz e arrebatadora. Encará-los de volta, contudo, era como perder os fundamentos da gravidade, ser lançado em um abismo frio e solitário e encontrar-se à mercê de uma meia-existência. Eles brotavam na escuridão, como relâmpagos: intimidadores, porém efêmeros. Apareciam e sumiam num piscar. Acordei, e me arrependi no mesmo instante. Não conseguia descobrir a quem pertenciam tais orbes vertiginosos, se a um conhecido ou a resquícios de memórias transmitidos e carregados há gerações por infindáveis ramos genealógicos.

Esfreguei os olhos. O relógio de areia sobre o aparador ao lado da cama marcava um quarto de torrão após a âmbula da terceira hora. Estava atrasado. Lavei o rosto, vesti-me, bebi um copo d'água, peguei corda e forquilha e saí.

O espesso nevoeiro matinal ainda envolvia a aldeia e alguns galos saudavam o Luzeiro Maior. Passei a corda pelo corpo, fazendo-a de arnês, e a ateei ao cabo de cânhamo de um rústico sistema de polia, prendendo-a por meio de uma roldana desgastada. Essa precária tirolesa suspende-se a cerca de quatrocentos metros do solo: cruza o topo esbranquiçado de uma das montanhas em que eu e mais onze famílias moramos — sou o único solteiro —, passa sobre um mar verdejante de cedros, abetos e juníperos e chega ao penúltimo dos cinco povoados de nossa vila.

Moro na última casa da última aldeia de uma pacata vila no menor distrito da província menos urbanizada do país. Trabalho na última sala do setor de almoxarifado do Paço do Conselho Administrativo; minha escrivaninha fica no canto mais afastado do recinto. Viajo por quase quatro horas de um extremo a outro desse território esquecido pelos Burocratas; embora eu também ajude a movimentar essa instável e gigantesca carroça abarrotada de expedientes.

Agarrei-me à grossa forquilha de madeira forrada com couro de cabra, que servia como freio, e deslizei pelo cabo com um impulso. É meu percurso diário da aldeia para o trabalho, e nunca me canso de maravilhar-me com a beleza natural dos arredores.

Enquanto deslizava, a cabeça meio para trás, distingui um objeto de formato peculiar, piramidal, entre as nuvens. Vinha do oeste e cruzava o ar a uma velocidade espantosa. Contemplei essa formidável aparição pelos grãos de areia que me foram concedidos, pois não é comum ver tais veículos sobrevoando essa parte do distrito; geralmente desviavam rumo ao norte ou ao nordeste.

¹ Graduado em Direito pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Regional do Cariri (PPGL-URCA), Crato-CE, Brasil. Bolsista FUNCAP. E-mail: matheus.peixoto@urca.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9872-9056>.

O pouso foi tranquilo, como de costume. Alisei as vestes, guardei a corda e a forquilha e segui pela trilha bucólica. Mesmo indo a passos apressados, não conseguia ser indiferente à paisagem, que pouco mudara desde quando eu era criança. Árvores, umas poucas casas de taipa — construídas do barro de onde fomos moldados —, o antigo poço comunitário, o curral de pedras onde se encerravam os caprinos do velho Sr. Burha e o próprio, cheio de colares de conchas, sentado em almofadas puídas, fumando *shishah* e saudando os passantes; com 131 anos, ele exibia mais disposição que seus bisnetos de 40 ou 50 anos. Acenei, ele soltou uma baforada e sorriu.

Se um ancião como ele não se aborrece com a mesmice e a lentidão das coisas, por que eu o faria? Com sorte, e saúde, apreciarei esse cenário por mais um século!

Uma estradinha se abria após a porteira de madeira rangente que corta as terras de um dos descendentes do Sr. Burha. À mata, seguem-se o antepenúltimo povoado e o subsequente, ambos de estrada carroçável. Enfim, chega-se à sede da vila por meio de um acesso pavimentado com pedras. As casas aqui eram de madeira, habitadas por comerciantes e pela maioria dos funcionários públicos.

O Paço, nosso maior prédio, é o único com mais de um andar, construído com tijolos e pedras pintados de amarelo e decorado com guarnições de pedra branca. Sua arquitetura se destaca pelo estilo colonial e pelas estátuas representando deuses e governantes estrangeiros, vindas há décadas da metrópole de navio a vapor. Há um jardim com plantas e flores exóticas, igualmente trazidas do Continente Ocidental, e apropriadas ao clima montanhês. O jardineiro, um senhor de 102 anos, aparava uma das árvores e cantarolava uma cantiga tradicional.

— Bom dia, Sr. Baghban.

— Dia promissor, Jawed. Mesmo atrasado e na iminência de receber uma censura protocolar, você não se esquece de me cumprimentar.

— Ora, estou atrasado, e não posso voltar atrás no tempo, isso não implica perder os bons modos... Ah, vi um veículo voador hoje!

Ele não fez comentários. Apenas cortou um galho fino e apontou-o para a grande porta do Paço; pude ver em seu dedo anelar esquerdo uma joia feita com seixo do lago formado a partir do degelo da cordilheira. Do outro lado do traçado, meu supervisor, o Sr. Naaraaz, esperava por mim com os braços cruzados, o cenho franzido e os lábios crispados. Cocei a nuca e dirigi-me a ele.

— Perdão, senhor — disse, fazendo uma mesura.

— Você é um fardo para sua repartição, Sr. Jawed! — repreendeu-me, batendo em minha cabeça com uma papelada. — Funcionário improdutivo... Com quase trinta anos ainda é um rapaz aviado, *em nada* parecido com o pai. Saiba que sonhadores incorrigíveis não têm serventia para o Conselho Administrativo!

Jogou os documentos em mim, acertando-os em meu queixo. Abaixei-me para apanhá-los e, calado, arrastei-me para dentro. A recepcionista encarou-me com desdém e sussurrou algo para uma colega, que não consegui esconder um sorriso de troça.

Afora um belo lustre dourado com cristais, o interior do edifício é árido de decorações. Não há jarros de flores, pinturas, esculturas, tapeçarias, nem quisquer outros “penduricalhos”

— como dizia o Presidente do Conselho — que desviassem a atenção dos funcionários e reduzisse-lhes a produtividade. Constatação interessante: havia processos tramitando de uma mesa a outra há décadas, tendo passado várias vezes por todas as salas do Paço; cada supervisor postergava sua apreciação e os remetia para um setor diferente numa valsa protelatória.

Ter sido admoestado publicamente não foi bem uma humilhação. O serviço não me sufoca... O cimento se racha no solo abrindo espaço para a erva brotar, e, nessas condições adversas, ela perdura, ainda que pisoteada. Tenho 16 horas ao ar livre, cercado pela natureza; as demais, passo sozinho, sem perturbações, no canto do almoxarifado. Sou um idealista, de fato. Papai afirmava que eu viveria por longos anos — uma “maldição” reservada para “tolos abnegados” — e acabaria como o Sr. Burha. Eu escutava e sorria respeitosamente. Acredito que ele detestava esse gesto.

Quando estou em local de trabalho, fecho os olhos e consigo evocar, diante de mim, a cordilheira personificada nas altas estantes de aço, resistentes o bastante para sustar caixas e mais caixas de estoque, amontoadas como rochas; as empilhadeiras transformam-se nos pastores e as cargas, em cabras conduzidas mansamente; pedaços de isopor e de papelão são como folhas secas; e o bebedouro, a fonte que degela das fragas da montanha ao sul.

Organizei a papelada que me fora atirada na escrivaninha. Os documentos eram de competência de meu supervisor: obrigações pendentes. Acostumei-me a acumular trabalhos estranhos à minha função. Saber que sou *realmente útil* ao Conselho Administrativo e, em particular, ao almoxarifado, alivia o peso das palavras do Sr. Naaraaz no dia a dia. Com lápis e prancheta, conferi as remessas que entraram mais cedo para controlar eventuais divergências com o inventário. Cataloguei-as e, manobrando a empilhadeira, levei-as a seus devidos locais de armazenamento. Utilizando o carimbo da supervisão, registrei contratos e memorandos, despachei-os e voltei para tratar da papelada remanescente.

Não tive tempo de almoçar. Quando senti fome, a areia do relógio da sala já se acumulava na sétima âmbula. Apaguei as luzes e saí. Sou o único a cumprir horas extras. O prédio estava sob a meia-luz de uma lamparina de azeite. Era o vigia. Não me despedi, pois recitava as orações noturnas.

A sede é a única área da vila que possui iluminação pública. Os postes à base de óleo de fígado de tubarão alinhavam-se ao longo das ruas pavimentadas e ofuscavam as estrelas. Esse trecho consiste em menos de um quarto de minha rota. Tive o arco crescente do Luzeiro Menor como companheiro e uns vaga-lumes como guias no caminho restante; feito paralelamente à trilha da ida, mais longa e cansativa. Ao invés da tirolesa, há uma ponte, tão arriscada quanto, e subidas escarpadas, mas sou familiarizado com o percurso e o fiz no tempo esperado — isso não significa que os otimistas são incansáveis. Chegando ao povoado, pretendia dormir o quanto antes.

Esse plano, no entanto, foi frustrado quando notei uma claridade cintilante no cimo da montanha e decidi conferir o que se tratava. Àquela hora, os aldeões descansavam seus corpos cansados de um dia de trabalho, geralmente não havia movimento. O vento frio ululava e fustigava, e eu lutava para me equilibrar apropriadamente. Dali, a vista se estendia até o início da vila, com a branura do Paço se destacando ao longe.

Atingindo o cume, fiquei perplexo: o lago estava cristalino qual um espelho e refletia sublimemente o céu, as estrelas, o arco gracioso do Luzeiro Menor, uns arbustos de juníperos e a neve da cordilheira. Ajoelhei-me à beira do lago, e só vi meu reflexo. Uma movimentação inesperada perturbou a calmaria, criando ondulações pela superfície fluida.

Distingui uma forma nadando até mim.

Uma cabeça de truta marisca emergiu. Uma esfera cintilante saiu de dentro de sua boca, espiralou e parou diante de mim. Coloquei as mãos em concha, ela pousou e nelas permaneceu, como uma pérola. Engoli-a. Era morna. Um calor percorreu meu corpo, fervendo o sangue. Tremendo, mirei o espelho d'água. Espantei-me ao ver que meus olhos estavam pálidos e, como se me acostumasse à escuridão, enxerguei uma civilização subaquática incrivelmente semelhante à minha vila: um reflexo perfeito.

Onde antes havia uma truta, nadava uma criatura que lembrava uma bela mulher. Ela me chamou, caí no lago. Meu corpo resfriou.

A pisciana sorriu e ofereceu-me sua mão. Tateei-a com delicadeza e senti sua pele escamosa. Nadou em minha volta e, flutuando de cabeça para baixo, tocou em meus olhos com os polegares e beijou-me a testa. Com um rápido, mas elegante movimento das mãos, criou uma cortina de borbulhas ao nosso redor. Absorto, envolvi-me num transe místico de uma antiga poesia pagã...

Acordei com o hábito cálido da manhã no rosto. Estava deitado na orla, à sombra de um junípero. Virei-me ansioso ao lago, e havia voltado a sua coloração azul-esverdeada original. Nenhum sinal da fascinante criatura. Em meu punho esquerdo, percebi extático, cintilava uma pulseira de conchas iridescentes.

Isso foi há 107 anos.

CARTAS ENTRE J. W. G. & A ESFINGE

A Esfinge

Caro J--, escrevo sob a luz de uma vela de cera de abelha. É noite de Maias, ou Floraia, como se chamava essa antiga celebração em Roma, também conhecida como Shemu pelos egípcios, Beltane pelos celtas, Vasanta pelos hindus e Walpurgisnacht por vós, germânicos. A denominação é irrelevante: trata-se de uma festividade realizada há séculos por humildes camponeses, e não por bruxas assustadoras, como a literatura popular faz crer. É um rito primordial de sagradação à primavera e ao verão. Antes, a terra estava fria e dura, as árvores secas e enegrecidas, o povo recolhido em suas casas e mesmo o sol empalidece no céu acinzentado do outono e do inverno, pois o torpor e a melancolia apossam-se dos corpos e das mentes, e a esperança parece fenecer até dos corações mais resolutos. Contudo, assim como minha velha roca, a inexorável Roda do Tempo gira e um dia é seguido do outro.

Vede, a natureza se renova! Uma vez mais, o campo poderá ser lavrado. Os aldeões acendem suas altas fogueiras, dançam, cantam, comem e bebem do anoitecer ao raiar de um dia auspicioso...

Eles celebram alheios à realidade a seu redor. Creem, por exemplo, que a retraída anciã residente da floresta do povoado seja uma curandeira e usufruem dos chás, ungamentos e amuletos preparados por ela quando estão adoentados, machucados, tristes ou, até mesmo, carentes de amor... E sussurram, ingratos, chamando-me de bruxa.

Um certo ferreiro afirmou ter me visto pairar no ar contra uma tenebrosa lua cheia sobre galhos retorcidos de cipreste... A árvore da morte! A cautela os mantêm quase sempre afastados de minha solitária cabana. Só não me denunciam aos inquisidores, porquanto *dependam* de meus obséquios. Ah! Se desconfiassem que seu próprio rei e sua consorte enviam, nas noites sem luar, seus médicos e astrólogos particulares para terem *comigo*!

Inúmeros príncipes, teóricos, estudantes e artistas dos três continentes já recorreram a meu vasto e versado conhecimento, acumulado em nove séculos que testemunhei transcorrem lentamente — aquele cujos dedos manejam o fuso da roca, escolhe em qual posição girar a roda e controla o próprio Tempo.

Quanto a tua pergunta... Não, meu caro, não posso revelar-te meu verdadeiro nome. Não agora, pois não estás preparado. Imagina-me como um leão com cabeça de mulher e asas de falcão. Uma coisa posso garantir-te, J--: sofrerei as consequências de manipular os elementos e de submetê-los a meus caprichos, quando só aos elementais é permitido fazê-lo.

J--

Sábia senhora, não imaginas quão inestimáveis para mim são tuas cartas, equivalem à primavera renascida para os camponeses aflitos! Perdoe-me, fui inconveniente ao insistir que me revelasses teu nome... Foi errado. És tão paciente comigo, sou infinitamente grato.

Sinto-me exausto!

Vagueio, pois em terra devastada ter rumo é uma frivolidade e ser errante é não se render a confortos desnecessários. De nada serviria saber qual será meu destino: todo lugar me parece igual debaixo desse firmamento opressor. Meus pés calejados prosseguem por uma senda encoberta de cinzas. O destino de minha carne é ser devorada pelo Tempo, pai cruel, último dos titãs e, ainda assim, precursor dos deuses antigos. Saturno implacável!

Pudera eu, boa senhora, manejar — por um brevíssimo momento — o fuso dessa roca extraordinária!

Seu mais humilde servo.

A Esfinge

Agradeço pelas palavras gentis, caro J--. O noviço tem em seu mestre um norte para se guiar, uma sombra onde se proteger; sem, entretanto, submeter-se mansamente. O questionamento é essencial numa relação tão injusta. Não achas? O discípulo há de percorrer seu caminho sozinho algum dia, quando se deparará com seu próprio aprendiz... Ora, se não temos aqui uma relação que almeja a perfeição, o círculo da sabedoria! O Um inconsciente de si e do mundo transmuta-se no Um senciente, em paz consigo e com o Cosmos.

Estamos no auge da bela estação e sentimos o ímpeto da vida borbulhar. Tu estás na idade de sentir cada pulsar de teu coração como um trovão clamoroso. Eu também vivi esse conflito de insegurança, quando jovem, como se minhas entradas definhassem. Via-me atormentada por um sol negro... Até conhecer meu próprio mestre: um ser iluminado, seu coração era um lago plácido e sua mente, um relâmpago! Ele me guiou pelos meandros incertos que constituem nossa existência. O sol clareou e regenerou-se para mim. Tu verás um belo e temível leão dourado engolir esse astro decadente para, em seguida, explodir rubro e fulgurante... Todavia, não será por meio de minha roca.

Esses fios de prata teceram tramas maravilhosas, e perigosas, graças à escama de um dragão negro que assolou o Continente por milhares de anos. Essa besta, tão voraz quanto Saturno, teve um fim singular: devorou sua própria cauda. Tu alcançarás o que desejas, mas esta roca já tem um novo dono... O fogo purificador. O pó residual se espalhará com o vento, cairá no chão e o fertilizará e servirá de nutriz para a *dourada árvore da vida*! Percebes como tudo se relaciona?

J--

Estimada senhora, na última madrugada, saí na intenção de meditar acerca de tuas palavras e também para aproveitar a viração. Enquanto perambulava, senti uma sombra atravessar o ar. Vislumbrei um espetro montado em um espantoso corvo mudo aproximar-se sem avisar. Seus olhos argutos perscrutavam a vastidão ignota atrás de vítimas incautas. Suas garras eram longas e ameaçadoras... Essa andança funesta levou-me a quedar à beira de um penhasco de fragas escuras... Contemplei as ondas obstinadas afrontarem o rochedo. Eis o motivo de a encantadora Vênus ter nascido da espuma imaculada: o amor possui uma violência equórea.

Bem sei, pois confesso que sofro, como um tolo qualquer, pelo coração de uma donzela prometida a outro cavalheiro. Cruel sina dos românticos!

Ouvir os murmúrios coléricos das águas evocou em mim sentimentos ocultos e fez suspirar minh'alma! O horizonte cinéreo alumiou-se e constatei: nada mudou desde quando Deus fez o Cosmos eclodir de seu invólucro nuclear. A aurora despertava radiante, como uma pérola ardente. Resplandeceram a imensidão e as asas alvas de uma gaivota. O anseio de flutuar para longe desse mundo hostil e de perder-me em meio a um mar de névoas evanesceu naquele instante.

Tratava-se do sol rubro prenunciado pela senhora! Meu ânimo se avivou. Pretendo liberar minhas emoções escrevendo um romance. Deseje-me sorte. Sinto que será o projeto de minha vida.

Sempre seu etc., etc.

A Esfinge

Segundo Platão, caro J--, o amor é o “dom da loucura” concedido a nós pelos deuses. Não se sinta envergonhado por um sentimento tão belo, capaz de subjugar a própria Morte.

Tu eras uma massa confusa, um espelho partido, fumaça efêmera. Nesse estado primal, estavas entregue ao caos da água fervente. Dissolvendo-te em ti mesmo, descobriste o calor do sol e foste nutrido pelo leite e pelo mel. Encontraste tua própria escama de dragão e ressurgiste, coagulado!

A escrita é libertadora. Fizeste uma excelente escolha, melhor impossível.

Faze com que esse rio deságue no mar, não como o último percurso a ser corrido, mas como triunfal recomeço. Tens agora uma vastidão desconhecida a ser explorada e conquistada. Mesmo quando partires, tua presença estará viva nos corações e nas mentes de teus futuros leitores.

O verão passa depressa... O outono aproxima-se e, com ele, o frio que faz tremer os ossos. Devo avisar-te: estou de partida. Nunca permaneço mais de um ano num mesmo povoado. Portanto, findam-se aqui nossas correspondências... Por ora. Desejo atravessar o Mediterrâneo e rumar de volta à Velha África — minha terra natal —, mais ao sul, onde as feras não são apenas animais estranhos, mas também os desejos incontroláveis e os medos paralisantes.

Nosso propósito?

Não sermos engolidos por elas.

SERPENTE QUE MORDE A PRÓPRIA CAUDA

Tão maravilhoso! O feixe incandescente que vislumbro diante de mim. Não é o clarão alvadio da lua nem a luminescência das estrelas. É uma visão singular e meras palavras são incapazes de descrevê-la! Nunca vi nada similar antes. Se eu tivesse mais anos de experiência, quem sabe...

Deixei o luxo de onde morava para fugir de uma vida desregrada, que sufocava meu espírito. Não entendia a razão de meu sofrimento, pois sempre conseguia tudo o que quisesse, e, mesmo assim, sentia-me entediado. Quando me queixava dessas aflições para meu irmão mais velho, ele contratava belas dançarinas e encantadores de serpentes para entreter-me com a ajuda do vinho de palma e de fartos banquetes. Nas manhãs seguintes, contudo, encerrados os festins, a sensação de vazio subsistia e tornava-se um abismo vertiginoso.

Certo dia, resolvi conversar com papai para exprimir esses sentimentos. Ele afirmou que eu precisava adquirir responsabilidade e, por causa de sua posição de destaque como coletor de impostos, mandou-me para servir ao filho mais novo do imperador, na capital.

Minha triste situação só piorou.

O príncipe era um jovem mimado e dissimulado. Aproximava-se das pessoas com mel, sorrisos e beijos afáveis, mas se afastava delas destilando sua peçonha e criando intrigas. Os altos corredores de mármore rosa intricados de ouro ampliavam os murmúrios e os transformavam em ecos. A corte era repleta de bajulações e de ardis. Nem os ricos adornos de tapeçarias, nem os vasos, estátuas e fontes, nem a purificadora queima de incensos bastavam para transformá-la num ambiente menos opressivo. O vinho de palma e as dançarinas ainda eram tudo, e nada, para mim.

Entretanto, enquanto me esquivava de ter com meu detestável senhor, andando descontraído pelas vielas abarrotadas de gente, animais e mercadorias, defrontei-me com um homem descarnado, de idade avançada, mas de aparência respeitável por trás da barba comprida e alvacenta. Estava sentado num tapete escuro em posição de lótus e apresentava uma das palmas da mão virada para cima e a outra para baixo. Admito, a princípio ignorei sua presença dentre tantos outros senhores respeitáveis e descarnados, porém, para meu espanto, ele me chamou pelo nome e disse, com uma voz surpreendentemente límpida:

— Nosso corpo é uma dádiva, nosso templo-mor! Não o despreze como uma criança mimada que enjoa do chocalho ao ganhar um brinquedo novo e reluzente. Disciplinar a carne consiste no primeiro passo para a emancipação do espírito. Permita-o irradiar para renovar-se! O que acontece se uma serpente morder a própria cauda inadvertidamente? — Virou a palma da mão direita e tocou um pedaço de pano colorido. Pegou-o e me entregou, solene.

O suave tecido era de *pashmina* e a arte, elaborada com tinta extraída de minérios e vegetais, representava um oceano de safira, onde nadava uma tartaruga de esmeralda, cujo casco resistente servia de apoio para quatro elefantes de prata, que sustentavam uma gloriosa cidade de ouro. Voltei-me para o homem, mas ele havia evanescido: só restara o pó da terra avermelhada.

Intrigado, decidi aconselhar-me com o tutor de meu jovem amo, sem lhe revelar os detalhes da misteriosa aparição. Ele me recomendou ler alguns dos incontáveis e valiosos pergaminhos da imensa biblioteca imperial, que era ignorada pelo príncipe. Li tratados filosóficos das mais diversas correntes de pensamento, textos religiosos, matemáticos e alquímicos, estratégias de antigos generais, mapas astrológicos, relatos históricos, narrativas mitológicas e poemas épicos. Estava prestes a desistir, quando obtive a resposta que tanto ansiava inscrita em enigmáticos hieróglifos de um papiro assinado simplesmente como *Sphínx*.

Analisei o peculiar pedaço de pano. Encostei a ponta da língua nele, cheirei-o e tateei-o. Descobri algo que, para uma pessoa qualquer, seria imperceptível: havia uma espécie de baixo-relevo dentro do desenho da cidade dourada. Pondo em prática meus estudos, escovei essas marcas sutis com uma solução de noz-de-galha triturada em água e, como imaginara, a reação revelou as sombras de uma tinta escura e arroxeadas que formava um mapa contendo instruções escritas com sulfato cúprico no arcaico idioma da Ilha Flutuante.

Pus o orgulho de lado e bajulei meu senhor por dois dias, com toques e beijos tímidos; foi o suficiente para conquistar seu ego frágil e inconstante. Com o príncipe enfeitiçado como uma serpente, pedi emprestado uma de suas velozes carroagens voadoras para fazer uma viagem pessoal. Prometi-lhe um belo presente em troca. Ele nem sequer questionou.

O veículo era uma carroagem-zigurate de três andares movida a carvão e impulsionada por quatro hélices. A portinhola de entrada possuía uma robusta maçaneta em formato de roda com sete raios e seu interior era quase tão majestoso quanto um das centenas de quartos do palácio.

Guiando-me por meio das orientações cartográficas, sobrevoei o subcontinente em direção ao leste. Passei por vastas florestas, rios caudalosos, montanhas de picos nevados e pequenos reinos distantes. Levei cerca de trinta e seis dias para alcançar o fim do mapa: uma gigantesca árvore *ashoka*, “sem dor”. Suas raízes erguiam-se retorcidas acima do solo, como patas de uma aranha extraordinária, e seus galhos estendiam-se altaneiros, visando a abóbada celeste.

Aterrissei o veículo e saí entusiasmado.

Surpreendi-me ao deparar-me, uma vez mais, com o asceta do mercado, no entanto, observando melhor, sua aparência revestia-se de uma aura deveras assombrosa. Trajava uma formidável armadura de bronze feita com escamas douradas de pangolim, que mais lembrava as pétalas do lótus, e armava-se com uma lança de ouro maciço com ponta adamantina.

Ele era o guardião da árvore sagrada.

Sem mover a cabeça nem falar palavra, ergueu os olhos negros em direção à copa. Interpretei que precisava escalá-la. Entreguei-lhe o mapa, descalcei-me das sandálias e despoiei-me de minha camisa. O começo da subida não foi difícil, porém, conforme avançava, uma infinidade de espinhos pusera-se em meu caminho. Suspirei, e persisti, dilacerando minha carne, almejando a libertação. Ainda que sejam tantos os sofrimentos de nossa existência, carregava no íntimo a certeza de ser aguardado por um alvorecer triunfante além do suplício enfrentado.

Ouvi um som estridente através da folhagem espessa. Diante de mim, avisto uma enorme cigarra, tão grande quanto um falcão, com belíssimos olhos de pérolas. Agarrei-a agilmente e arranquei-lhe as órbitas valiosas, cegando-a.

Era isso que o guardião esperava de mim: conquistar este fabuloso tesouro! Serei aclamado como um dos heróis das antigas lendas. Meu amo beijará meus pés, e eu pisarei em sua cabeça e o farei provar da areia sob minhas solas. *Ashoka* continua a erguer-se, mas não preciso mais prosseguir... *Oh!*

Ai de mim, o velho me enganou!

As joias dissolvem-se em minhas mãos... Escorrem de meus dedos como água! O corpo do inseto partiu-se ao meio e está realizando a muda. Tão maravilhoso! De sua casca irradia um feixe incandescente...

Data de submissão: 13/08/2024

Data de aceite: 18/03/2025